

# Quosquino

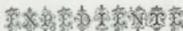


### A-ENCYCLICA

Castela e caldo de galinha nunca erram mas sempre é bom tomar o pulso a este senhor,  
O cordeiro um dia torna-se leão.

Lit. Valente Rua de Hospicio 10/

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO



Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, que nos foram graciosamente enviados:

AO SR J. B. DA SILVA MOREIRA—os *Estatutos da Companhia Unido dos Lavradores*, de que é incorporador, e que parece destinada a realizar aquelle desideratum da «gallinha gorda por pouco dinheiros».

A' ILLMA DIRECTORIA—o *Relatório da Associação Perseverança Brasileira*, que mostra progresso nas suas operações, tanto de seguros como de caixa economica.

AO SR B. L. GARNIER—o *Jornal das Famílias*, numero correspondente ao mez de agosto.

AO SR LUIZ MARIA VIDAL—os seus tres opusculos sobre a *Fisiologia*, novo systema para aprender linguas com promptidão e acção, como se diz nos hotéis elegantes da rua de Santo Antonio.

SR ASSIGNANTE SANTISTA—Obrigados pelas charadas. Quando á *fabula*, a unica coisa de *fabula* que lhe achamos, é o Sr chamar-lhe *fabula*. E' fabuloso!

SR A. M. M.—Parece que o Sr foi mordido por algum cão damnado. Que *róbia!*...

SR J. S.—Escreva-lhe em papel pardo.

SR N\*\*—a sua assignatura está falsificada; deve ser N. N. Adivinhámos!

## O PARTIDO DO «MOSQUITO»

Se das *casatinas*, *ballatas* e *concertantes*, que algumas notabilidades do partido liberal, tem executado diante da redacção do *Mosquito* se pudesse fazer uma opera, mesmo que fosse uma opera comica; que gloria para a arte musical brasileira, que honra para os creditos das serças politicas cá da terra!

Mas se por outro lado se pudesse em estampa, elegantemente calcographada, os *boleros*, *seguidilhas*, *romanzas* e cançonetas, que o partido conservador nas epochas afflictivas das eleições costuma a desempenhar, diante de todos os redactores de orgãos politicos e impoliticos, davam um *fundo* de musica mais alentado e importante do que o de Ricordi, o maior editor de cantigas de que ha noticia.

E' verdade que todas estas melodias, cantadas quasi sempre por *costadores* de officio e de *cartella*, são acompanhadas com toda a proficiencia pelos *metaes*, fanfarras que extasia, deleita e aproveita mais do que qualquer outro genero de instrumentação; mas como, depois de todas as eleições, os humildes sollicitantes saltam á *coda*, já não com os resonantes instrumentos de metal, mas simplesmente com um quarteto de *flautas*, o povo, e nós com elle, já vai estando prevenido que nos *finacs* ficam todos *flautados*.

Ainda assim não é o instrumento do deus Pan, que mais

nos pôde prejudicar; mas o que se vai vendo, é que será muito natural que, com estes nossos governos, *sã flautas* se juntem os instrumentos de *corda*, dedilhados por frei Caetano de Messina e seu rancho, os *quases*, é muito provavel, acabem não por nos extasiar pelos ouvidos: mas por nos fazer deitar a lingua de fóra, engasgahando-nos pelo pescoço!

E' por isso que o nosso credo politico consiste em dizer que: d'uns a outros, leve o diabo a escolha.

Liberacs e conservadores têm esbordado a patria como cabeça de turco; e, por muito que cantem e por muito bem que se acompanhem, hão de ter sempre como resposta de nossa parte: para cá vêm de carrinho!

O nosso partido politico está por em quanto embryonando-se com a nova geração, que felizmente já vai pronunciando a sua existencia.

Esse partido tem ainda o sangue limpo do virus da corrupção.

Nasce na Academia de S. Paulo, desponta na Escola Polytechnica, apparece na Escola de Medicina e sai de todos esses laboratorios, em que se educa e apura uma nova raça, que ha de expulsar todos estes vendilhões do templo, para plantar, não a republica, não o absolutismo; mas unicamente um partido que possa ao mesmo tempo, decencia, illustração e moralidade!

E esse novo partido que mais cedo ou mais tarde ha de tomar contas aos actuaes dos seus esbanjamentos e tropelias;—que ha de imprimir uma nova feição ao nosso pais, aviltado, como tem sido, por quasi todos os que lhe lhe hão regido os destinos;

Esse, que serão os homens do futuro, levarão o Brazil ao maior grau de prosperidade de que é susceptivel a sua riqueza, correrão á chicote os que queiram pôr no throno brasileiro um velho demente de Roma.

Enriquecerão a sua marinha de guerra com embarcações, mas que só uma vez serão pagas.

Farão com que o Rio de Janeiro seja uma capital civilisada, sem lhe chamarem uma Pariz—o que é uma mentira e uma tolemaia.

Crearão uma policia, que nos preserve contra os malfetores; e que não seja, pelo contrario, ella que nos estazie os bolsos.

Receberão o estrangeiro com os braços abertos e dar-lhe-hão o titulo de nacionaes; porque brasileiros devem ser todos os que vêm augmentar a riqueza do nosso solo e o rendimento das nossas alfandegas.

Esse serão os homens do nosso partido. Terão o nosso apoio e poderão contar com a nossa dedicacão.

Emquanto a estes, podem esgotar o seu repertorio lyrico. Já os conhecemos páus de larangeira.

Escusam de perder o tempo que terão por unica resposta: Ora não nos contem lérias.

## FABULA INSTANTANEA

O SENTINELA COMPADRECIDO

N'um quartel q'ria a *moosa* ir cozinhar um typo. O sentinella que o presente cala bayoneta. Emfim, deixa-o entrar.

Quem cala, consente.

Bob.

## Tem toda a razão

O Sr Subdelegado em exercicio da freguezia da Lagôa teve a bondade de nos dirigir um officio declarando que o facto de haverem dois permanentes gratificados com um certo numero de espedeiras um pacifico commerciante que estava á porta de sua casa, não tivera logar na sua freguezia. Effectivamente, não foi na freguezia da Lagôa, mas sim na da Gavea, que foi praticada tal *graciosidade* policial, que até hoje não nos consta fosse punida, apesar de estar a entrar pelos olhos dentro que os dois permanentes que tão dignamente sabem usar das suas espaldas, já deviam estar promovidos—pelo menos—a coronéis.

Não devemos porém deixar de agradecer ao Sr Capitão Costa Braga a sua reclamação em bem da verdade, folgando sempre de vêr os funcionarios publicos pugnar pela sua reputação: o que achamos extraordinariamente extraordinario é que o Sr Subdelegado da Gavea tambem se não dirigisse a nós, reclamando para o territorio da sua jurisdicção a gloria de haver sido theatro d'aquella gloriosa façanha.

E' muita modestia de sua parte!

## FABULA INSTANTANEA

O VALENTÃO PUNIDO

Nas costas de Romão dá Marco com tal fogo que lhe sóbê á cabeça o sangue, e traz-lhe a morte.

O que dá forte  
acaba logo.

MANÉL PINTO.

## Tambem tu, Brother Jonathan!

O nosso amigo Jonh Bull, quando nos dá a honra de se occupar de nós, faz a sua critica em uma só palavra—prêghicose!

Os francezes—o povo mais espirituoso da terra—e os nossos caros vizinhos platinos—que tem quasi tanto espirito como o s francezes—chamam-nos simplesmente *negacos*.

Os nossos *brônados do Norte* até agora não nos chamavam m coisa que por cá constasse, mas se qualquer d'estes dias nos chamarem algum *nome* não se admirarem. Brother Jonathan já começou a debicar-nos, na pessoa do nosso imperial viajante. Já ha muitos annos, o Sr Dr Felizardo, com n'esse tempo ainda não tingia o bigode, propoz ao Instituto Historico e Geographico—cujo é um dos mais bellos ornamentos—que para que nenhum acto da vida de S. M. perdesse de ser conhecido, se nomeasse uma commissão para o acompanhar noite e dia, com signando em registro especial todos os sus feitos e gestos. D'esta maneira o Instituto estaria ao facto de tudo quanto dissesse respeito a vida do nosso primeiro magistrado. Esta idéa, como aconteceu a muitas idéas boas, foi acolhida com vaías e assobios. Cahiú pois, a idéa do Sr Felizardo.

Dar-lhe realisacão estava reservado aos americanos. O in-

fatigavel O'Kelly, de lapis em punho, minuto por minuto, passava telegrammas ao *Herald*, S. M. sentava-se á mesa para almoçar, depressa *imp-rador*, rumsteak, Borgonha, sobrezeza, café, palito ». S. M. depois de haver almoçado, [permittia-se um acto que mesmo os monarchas não podem mandar fazer por outro—lavar as mãos—lá ia o arame fazer toda Nova-York sciente de um facto que nada tem que possa concorrer para manter o prestigio de uma corôa.

Mas, se estas indiscrições são perdoveis, do que nem as proprias boas palavras do honrado Franklin poderiam consolar-nos, é das gongoricas louváveis do referido *Herald*, quando dá conta do jantar que o celebre poeta Longfellow offereceu ao imperial viajante e a que haviam sido convidados unicamente Oliverio Holmes e Waldo Emerson, duas notabilidades litterarias da patria americana. Aquelle é um grande na arte em que o Sr Serra tanto brilha—a satyra. O outro é um philosofo capaz de resolver a questáo do eu e do não eu, e de provar ou negar, como elle quizer, que os nossos bisavós eram uns simples *chimpanzés*.

« Porque não houve—diz elle—porque não houve quem fosse tomar nota dos bocados de ouro que foram ditos em solida phrase, deverá passar-se um traço sobre a recordação d'este memoravel jantar? Conscios do que se deve á dignidade da arte, não podemos nós ainda esperar que, entre o poeta, o satyrico e o philosofo, este banquete verdadeiramente real achará um logar na nossa litteratura?»

Estas piadas vem enroladas em uma grande porção de phrases, mais ou menos de dois tiros, mas tão bem ageitadas que se fica na duvida se o homem estará fallando serio. Mas quando se topa com esta phrase burlesca « o autocrator da mesa do almoço » já não ha duvidas possiveis.

E, se as houvesses, não poderiam subsistir ao lêr-se o final do artigo que aprecia assim o jantar, misturando o sal da pilheria americana ao *hash* do hospedeiro Longfellow:

« O doutor Holmes pôde atirar ás mãos cheias sobre este caso o seu agudo engenho e maliciosa petulancia, enquanto o sabio Emerson banha todo o jantar em um mar de philosophia transcendente. Assim litterariamente tratada, a visita de D. Pedro a Cambridge seria por tão largos dias recordada como os *Dialogos* de Platão, as odes de Horacio e as epopéas de Homero O doutor Holmes trataria o assumpto na terra, Longfellow eleva-o-hia ás regiões sidericas, e Emerson poderia projectar-o até ao ether universal que idealmente se estende ainda além dos mais profundos espaços celestes.

« Tal jantar, offerecido a tal hospede, seria digno da immortalidade que a sua narração pudesse dar-lhe. »

Por muito que o *curbot-saucc-hollandaise* agradasse ao paladar imperial, e que o *lisongeeassem* os *epigrammes d'agneau* sem contar os do satyrico Holmes— por muito que a facundia do Sr D. Pedro estivesse animada ao choque da sua intelligencia com aquellas res intelligencias; banhar n'um oceano de philosophia transcendente aquelle festim—convivas e comeres—eis ahí uma idéa que só pôde ser filha do maligno engenho do tal Holmes. Com effeito nada mais comico do que essa epopéa de que o Sr D. Pedro seria o heroe principal, de pé sobre uma montanha de *porhanbeans*, desfraldando aos quatro ventos do céu a celebre traducção do *Star Spangled Banner*.

Só se fosse a phantastica scena de o vêr a cavallo n'um rio do imponderavel, passando do Cruzeiro do Sul para a Grande Urso, de onde o profundo Emerson o projectaria talvez, para o ether universal, além dos mais incommensuraveis espaços celestes.

# NOSSA SÉCULA RELIGIÃO



BORJA PINHEIRO INV. DES.  
RIO DE JANEIRO DE 1876.

MODERNO  
HAMLET  
SER OU NÃO SER  
O PROBLEMA!

VIVA A  
LIBERDADE DE  
CONSCIÊNCIA

Não tem que vêr: o Sr D. Pedro comeu o jantar ao seu *good-fellow* Longfellow: mas o Holmes, agora, quer comel-o por uma perna.

Depois do jantar—o chá.

M. Souto.

## GALERIA THEATRAL

(QUINTA SERIE)

### RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

XXVI

VELLUTI

E' uma allegoria, um disfarce, uma figura phantasiada. E' quasi uma charada, um enigma pittoresco. Mas sem decifração...talvez por falta de premio prometido. Lembra essas estatuas que os antigos esculpium toscamente, com a idéa de representarem uma idéa.

Sómente os antigos tinham o cuidado de, em hieroglyphicas inscripções, dar idéa do que queriam representar.

Esta não traz etiqueta, e deixa na ignorancia quem prentenda adivinhá-la.

Ou, se a trouxe, está rasgada agora. E', pelo menos, illegivel.

E não é só esse o mysterio que ella tem: ha outro: De que é feita?

Tem volume, é palpavel, é materia.

Mas a que reino da natureza pertence? é vegetal? é animal será um mineral?

Em scena parece feita de algodão em rama.

Fôra de scena é um miúdo.

Mas miúdo sem casca.

E' mais o enchimento de uma cousa do que uma cousa com enchimento.

Imagine-se uma empada sem a códea, um pão de rala cozido em dia de chuva, uma péra d'agua descascada, um ovo molle posto de fresco, e sem gemma, nem galla.

Parece feita de leite coalhado.

Se alguém a provasse, havia de achar-lhe o gosto de man-teiga fresca de Petropolis.

Desmanhada em agua, com seus pingos de limão, deve dar um saboroso acaçá.

Se fosse mais dura, era um sorvete de fôrma.

Assim como é, não passa de uma carapinhada.

Fundida não foi; nem esculpida tambem.

Deve ter sido amassada a dedo, como essas bonecas de cera que as crianças modelam.

Ninguem lhe conhece a idade, nem tem idade presumivel

Unicamente se conhece que é um monumento symbolico.

No theatro tem passado por tudo quanto se pôde passar no theatro.

Fez comedias e representou-as, fez de mulher e fez de homem.

Fez mesmo melhor de homem que de mulher.

Depois, quando não fez mais nem uma cousa, nem outra, ficou fazendo o papel de avô.

E fal-o tão bem, que parece não ter feito outra cousa em sua vida.

Pôde-se dizer que foi avô sem ter sido mãe.

O que é verdade é que semelha um feto.

Olha-se para ella e procura-se logo o frasco de espirito de vinho d'onde foi tirada.

Osso é o que ninguem lhe encontra.

Entretanto não é de carne.

Não será bofé?

GRYPHUS.

## O CORREIO DOS THEATROS

A ultima, a maior novidade theatral, foi a chegada do artista Furtado Coelho e de sua esposa Lucinda Simões.

Estreiarão elles na comedia *O Sapatinho de Setim*, a respeito da qual já todos os jornaes, a não ser o *nosso honrado colega*, deitaram o bellissimo folhetim, sendo todos de accordo que a comedia é uma maravilha e o desempenho um encanto.

D'ahi as palmas e as flores que têm colhido os recém-chegados artistas.

Quanto a nós, a comedia é apenas um pretexto para uma amostra de pés e com franqueza, sob este ponto de vista, parece-nos que os espectadores lucrariam mais, se a peça fosse representada pela Sra Adelaide, vulgo dos *pés pequenos*, e pela Sra Ignez, vulgo dos *pés grandes*. Porque afinal, se se trata de pés pequenos, nenhuns devem apparecer, a não ser os da Sra Adelaide dos ditos, e se se trata de pés grandes, d'aquelles al-cantilados e cheios de promontorios, nenhuns levam vantagem aos da Sra Ignez, para quem, como já dissemos, se escreveu aquella cantiga:

Um, dois, tres,

Acerta o passo, Ignez

Inda outra vez,

e á qual dão a seguinte interpretação, e é que o primeiro verso significa o dobro do numero dos seus *Sapatinhos*, o qual numero, fica por essa simples operação sendo simplesmente 61 1/2. Não é muito.

Uma outra novidade não menos importante para a arte dramatica foi a representação do drama *A Patria* no theatro de S. Luiz.

Houve quem pensasse que se tratava da *Patria* de Sardou; mas afinal o annuncio desvaneceu essa illusão, além de outras, declarando que a *Patria* era original brasileiro do Sr Lino da Assumpção, o que em todo o caso não esclarece muito a questão porque sendo o Sr Lino da Assumpção, portuguez, não se comprehende com facilidade, como escreve originaes brasileiros. Emfim, elles lá o lêem, lá o entendem.

Mas abandonando esta questão da patria do auctor, para

voltar á vacca fria, ou quer dizer, ao auctor da *Patria*, devemos dizer que sentimos que elle não se ache entre nós, para o apertarmos contra o peito. Em todo o caso, oh! Lino, oh! velho amigo Lino, aceita lá as nossas homenagens, pela tua obra.

A *Patria* não é só uma peça theatral, não; a *Patria* é um *Theosouro dos oradores dos meetings*. Encontram-se n'ella todas as phrases possiveis de que careça um orador em dia que tenha de botar discurso ás massas.

O *sol da liberdade, as trevas da oppresão, as cadeias do despotismo, a independência dos povos, o pendão das quinas, a nobre viuva do suicida, faça-se a vontade do Rei, o povo soberano, a Marselhesa, os nossos irmãos de além-mar, o laço que une as duas nações amigas, 89 e 93, Waterloo e S. Petersburgo...* emfim ha na *Patria*, de tudo, como nas boticas.

O desempenho correu sem mais aquella. Apenas no 2º acto houve uma verdadeira novidade e tal foi, ouvir-se dizer, quando entra a Sra Helena Balsemão:

— Oh! como ella está magra!

O publico sorriu e não acreditou.

Nem nós.

TINOCO JUNIOR.

## FABULA INSTANTANEA

O SACRISTÃO DILETTANTI

Cantando enriqueceu o pai do Zé Sacrista.

Este na empresa lyrica se arruina: alma d'artista!

Dinheiros de sacristião,  
cantando vem, cantando vão.

MANÉL PINTO.

## SABOTICOS

Pelo sim, pelo não, abusando infamemente das santas leis da amizade e a pretexto de ter de ir metter-me n'um charco para atirar ás marrecas e aos bicos-rasteiros, mandei hontem pedir a um amigo que me emprestasse a sua boa espingarda de dois canos e apetrechos annexos.

Mas a verdade do caso, é que eu estou-me preparando.

O Sr duque de Caxias ha já alguns annos havia embaalhado a sua espada gloriosa. Desembaalhando-a ao tomar conta da presidencia do conselho, o general havia-a posto sobre a sua secretária, no logar onde os ministros da guerra paisanos costumam ter sua faca de cortar papel.

Fiado n'isto, observando que uma velha carabina que constitua o meu arsenal de guerra estava sendo muito invadida pela ferrugem, agarrei n'ella e dei-a de mimo a um amigo, que ainda hoje chora de reconhecimento pela lembrança.

Mas agora mudaram as coisas de figura: O Sr duque não pensa senão em marchas e exercicios, revista e evoluções. Terá S. Exc. intenção de nos bater o flanco esquerdo, cortando-nos

ao mesmo tempo a retirada, e obrigando-nos a depôr as armas! Será este aparato bellico o prenuncio da occupação militar d'aquelle pedaço do Campo de Sant'Anna, motivo de polemica de todo o nosso jornalismo?

Será o motivo de todas estas manobras a proxima chegada do nuncio apostolico ou as eleições?

E ainda, para augmentar as desconanças, o nobre duque ministro da guerra mandou abonar a *etate* ás paraguayas solteiras que vieram com os batalhões ultimamente retirados da patria do bom mate.

S. Exc., nas suas ultimas campanhas aprendeu que as mulheres são um bom elemento de guerra, e tratou de pôr as mulheres para o seu lado. Só lhe falta agora, para assegurar a victoria, lançar mão da *flor da gente* do Sr Duque-Estrada... Ah! é verdade, *esses trabalham á ordem* do ministerio da justiça.

N'isto se não parecem elles com os telegraphistas que já podem, por decisão ministerial, mandar os chefes de policia plantar eucalyptus, quando S.Excs. quizerem devesar o segredo dos telegrammas. Viva o Sr Thomaz Coelho, que fez uma acção meritoria pondo um freio ás pretensões dos taes Srs.

Agora o que resta vêr é que solução dará o dito Sr Thomaz Coelho aos seguintes quesitos:

Se é realmente por falta de verba que não se faz a reforma dos correios, melhorando o serviço, que não pôde ser peor?

Se é sómente com os *recursos da verba* que a Exposição Nacional tem absorvido quantia superior a 800.000\$000?

Pede-se explicação, franca de porte, de todos estes milagres.

Por milagres, occorre-me uma historia que conta o *Catholico*, um bom jornal de Minas:

Um fulano de tal possua dois burros muito mansos a que pôz os nomes historicos de *Pio IX* e *frei Vital*. Apesar da sua mansidão—que eu chamaria evangelica, se se não tratasse de taes brutos—um dos ditos quadrupedes atirou um coice ao dono e pôz-lhe a perna em marmellada. Este coice foi uma revelação para aquelle peccador, que se apressou em prometter 500\$ a S. Sebastião se o puzesse bom. Eu cá, se um *Pio IX* qualquer de dois ou de quatro pés, me pespegasse um coice, offerceria os 500\$ a um cirurgião, mas ao santo... d'essa é que Deus o havia de livrar. E tanto eu tenho razão que o santo nada fez pela perna do outro.

Talvez achasse pouco.

O que me parece é que na historia ha um erro de algarismo. Os burros não erão só dois.

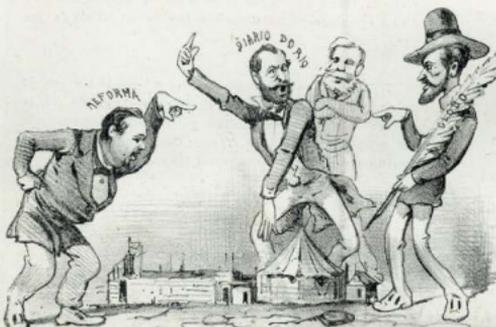
Bon.



Vendedor! Haverá possesão mais invejável? Depois de ter os deuses  
 em unidos pelo presidente, dá o seu voto para a construção das  
 barracas no campo de S. Anna.



O honr. de Itoró escamotea-se  
 como uma barata e por embargos  
 a lagares dos municipais conselhos.



A imprensa levanta-se em peso, e ahí começa a questão:  
 devem ficar as barracas, não devt' ter direito, não tem' e um  
 abuso, não há a p. r. ....



E é isto que occur-  
 pa ha alguns  
 dias a imprensa de  
 Rio de Janeiro, o que  
 vezes preciso é d'isto  
 banhar por se as coisas tomam  
 galo.



Não appareça quem sobre este desgraçado  
 e as aguas crescem todos os dias



Judas vender o seu Mestre. Este vende a sua patria a Curia  
 Romana. É verdade que Judas infernos-se, mas est... com certeza não nos  
 dará um prazer.



Um proprietario de barra-  
 cas depois das eleições, fugiu  
 como ao bal de mascarado, mas  
 curada, sentiu com o negocio  
 agora de o Sr. Duque se quer adobter,  
 comendo quem tem garrafas.